



SUJEITOS ALUNOS DA EJA EM MACEIÓ: PERFIL E HISTÓRIAS DE ESCOLARIZAÇÃO

Luciana Gomes Silva[i]

Marinaide Lima de Queiroz Freitas[ii]

Eixo Temático: Educação e Inclusão

RESUMO

Este estudo apresenta um diagnóstico dos sujeitos-alunos da EJA do I Segmento envolvendo as histórias de escolarização e concepções que esses estudantes têm da modalidade. Os *loci* da pesquisa foram três escolas públicas, situadas em Maceió-AL, que fazem parte do Observatório Alagoano de Leitura em Educação de Jovens e Adultos. No percurso metodológico utilizou-se a pesquisa qualitativa, com as abordagens de história oral. Realizou-se: estudo bibliográfico, leitura dos Projetos Pedagógicos (PP), levantamento do perfil dos alunos e a técnica do grupo focal. Os resultados apontaram que os alunos são predominantemente pessoas adultas, do sexo feminino, seguindo-se de ocupações várias no mercado informal, que deixaram a escola pela necessidade de trabalharem. A EJA apresentou-se como um espaço único de possibilidade de iniciarem ou complementarem a escolarização.

PALAVRAS CHAVE: Educação de Jovens e Adultos. Sujeitos-alunos. História de Escolarização.

ABSTRACT

This study presents an analysis of the subject students of the EJA I segment involving the stories of schooling and conceptions that these students have the discipline. The loci of the research were three public schools located in Maceió-AL, which are part of Reading Alagoas Observatory on Youth and Adult Education. In the methodological approach used the qualitative research approaches with oral history. Held: bibliographic study, reading Pedagogical Projects (PP), raising the profile of the students and the focus group technique. The results showed that students are predominantly adults, females, followed by several occupations in the informal market, who left school by the need to work. The EJA presented itself as a unique opportunity to start or add to the education space.

KEYWORDS: Youth and Adult Education. Subject-students. History of Schooling.

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem sido uma temática relevante face aos altos índices de analfabetismo no país[1], de pessoas acima de 15 anos de idade, que por razões histórica e social, não tiveram acesso à escola ou não complementaram a sua escolarização.

Nessa direção, o Observatório Alagoano de Leitura em Educação de Jovens e Adultos vem desenvolvendo, a pesquisa denominada: **A leitura e a formação de leitores no Estado de Alagoas: estudo e intervenção de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos[2]**. O referido Observatório está vinculado ao Observatório da Educação (Edital nº. 38/2010 CAPES/INEP), com atuação no Centro de Educação (CEDU), por meio do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão sobre Alfabetização (NEPEAL), que Essa pesquisa abriu perspectiva para duas investigações de iniciação científica (2012-2013 e 2013-2014)[3].

Para este artigo, que se constitui em trabalho de conclusão de curso, optou-se por utilizar dados da primeira pesquisa PIBIC (2012-2013), que teve por objetivo apresentar o diagnóstico dos sujeitos da EJA do I Segmento nos aspectos etário, gênero humano, ocupação e história de escolarização; sua relação com o ensino diurno e como esses sujeitos veem essa modalidade de ensino tendo a seguinte problematização: **Qual o perfil dos alunos de EJA do I Segmento em três escolas públicas de Maceió, considerando além da faixa etária, gênero humano e ocupação?**

Essa problematização desdobrou-se em outras questões: **Quais as histórias de vida/escolarização dos sujeitos da EJA e como esses sujeitos veem a modalidade?**

Com o intuito de responder a estas perguntas utilizou-se a pesquisa qualitativa com as abordagens de história de escolarização (PAULILO, 1999). Realizamos: estudo bibliográfico fundamentado em pesquisadores como: Moura (1999), Pinto (1987); Oliveira (2001), Freitas (2007), dentre outros; leitura dos Projetos Pedagógicos (PP) das escolas objeto do estudo; levantamento do perfil dos alunos, por meio das fichas de matrícula e realizamos a técnica do grupo focal[4] tendo por base Gatti (2012).

Este artigo está composto de três partes. A primeira diz respeito às concepções teóricas sobre os sujeitos da EJA, focando as categorias jovem, adulto e idoso. Em seguida traz a caracterização das escolas e o perfil dos sujeitos-alunos. Por fim, a terceira parte, onde analisa as vozes dos estudantes advindas dos grupos focais que narram as suas histórias de escolarização e contam como percebem a EJA.

2 CONCEPÇÕES TEÓRICAS SOBRE OS SUJEITOS DA EJA

Oliveira (2001) aponta que em sua maioria são migrantes da zona rural e que chegam à zona urbana na ilusão de melhores condições de vida. No entanto, por não serem qualificados, com baixo nível de instrução escolar por terem passagens curtas e não sistemáticas pela escola e muitas analfabetos, ao chegarem à cidade, assumem ocupações desqualificadas. Diante disso, sentem a necessidade de retornarem à escola, ingressando na Educação de Jovens e Adultos. Feitas essas considerações mais gerais comentaremos os sujeitos da EJA, por categorias: jovem, adulto e idoso.

2.1 JOVEM

Ao falar sobre o jovem, Andrade (2004) enfatiza que são sujeitos que possuem conhecimentos, atitudes, linguagens, códigos e valores que, muitas vezes, são desconhecidos ou vistos de forma desvalorizada pela cultura escolar. Para Carrano (2008) esses jovens são tidos por perturbadores e vistos como "alienígenas" em sala de aula, devido seu comportamento.

Na realidade, uma das causas da necessidade desses sujeitos é o desemprego e, quando estão empregados é em condição precária, sem carteira assinada. Contudo, surgem nos anos 90 políticas públicas voltadas para "trabalho e educação" sendo implantadas no Brasil, porém, a concepção que se tem dos jovens pobres é de que eles são "perigosos".

De acordo com Geraldo Leão (2005, p. 73) a juventude é marcada "por uma crise de identidade e de valores.

A juventude assume assim um caráter negativo – fase de confusões, de conflitos, de rebeldia [...]”. Diante das condições surgem outros problemas sociais, como por exemplo, a violência, o uso de drogas, etc. “[...] tem emergido como uma das preocupações centrais nas manifestações de alguns governos e organismos internacionais a partir dos anos 90 em vários países da América Latina”. (LEÃO, 2005, p. 75).

Contudo, para que esses sujeitos recebam uma educação de qualidade e significativa, faz-se necessário que os educadores proporcionem aos jovens, a conscientização de que eles são sujeitos de direito. Diante dessa realidade Andrade (2004, p. 1) mostra dois aspectos importantes,

[...] de um lado, o Estado, as organizações da sociedade civil e o setor privado, entre outros, e, de outro, uma gama de sujeitos tão diversificada e extensa quanto são os representantes das camadas mais empobrecidas da população (negros, jovens, idosos, trabalhadores, populações rurais etc.). Estamos falando de trabalhadores e não trabalhadores; das diversas juventudes; das populações das regiões metropolitanas e rurais; dos internos penitenciários, contingentes esses que, em sua grande maioria, são formados por jovens; afro-descendentes; como também portadores de necessidades especiais, entre outros.

Considerando essa diversidade é importante se pensar na construção de uma EJA que ultrapasse o enfoque compensatório. Dessa forma, a escola deverá ser um espaço para despertar os interesses, conhecimentos e expectativas visando à participação e o envolvimento dos jovens.

2.2 ADULTO

Esses sujeitos chegam à sala de aula, no período noturno, sobrecarregados de cansaço físico e emocional causado pelo árduo trabalho diário, acrescentado de expectativas e o sonho de sair da condição de analfabeto, o que se torna maior que qualquer exaustão física. Em relação ao adulto a sua condição está marcada pela sua história, cultura, sua constituição familiar e inserção ou não ao mundo do trabalho.

Moura (1999) e Pinto (1987) definem o adulto como um ser humano trabalhador, que se encontra em uma das fases mais ricas da sua existência. Nessa direção, Andrade (2004) aponta o trabalho como sendo um fator importante para se pensar uma EJA além da condição escolar e, muitas vezes, é só por meio dele que eles poderão retornar à escola ou nela permanecer, como também valorizar as questões culturais. Pinto (1987) vai mais além e deixa explícito que o educando adulto é antes de tudo um membro pensante e atuante em sua comunidade.

Haddad (1992, p. 4) mostra as características socioeconômicas e culturais desses sujeitos da EJA como: “[...] uma massa considerada de excluídos do sistema formal de ensino, seja por se encontrar em condições de vida precária, seja por ter tido acesso a uma escola de má qualidade, ou mesmo não ter tido acesso à escola [...]”.

Todos os autores supracitados abordam as especificidades dos sujeitos jovens e adultos em vários aspectos, mas nota-se que a predominância está para as condições sociais precárias em que estes sujeitos estão inseridos, evidenciando assim, que são jovens e adultos marcados pela pobreza.

2.3 IDOSO

É preciso levar em consideração que as experiências de vida dos sujeitos idosos são bem mais vastas do que as dos mais jovens, nesse sentido, quando contam suas histórias de escolarização trazem à tona seu conhecimento de mundo. O fato é que a realidade social é de exclusão, principalmente para os idosos, isso por que não há lugar para a velhice dentro da nossa sociedade capitalista. Infelizmente essa situação aponta

que

Na perspectiva do capital, o velho representa o trabalhador que já se tornou improdutivo e obsoleto e que deve dar lugar às novas gerações de trabalhadores, dotadas de conhecimentos atualizados e de uma maior disposição para o trabalho. [...] A aposentadoria, de certa forma, assume, simbolicamente, o significado de retirada ou saída da vida produtiva. (PERES, 2011, p. 1)

Por outro lado, Coura (2005), em sua pesquisa[5] enfatiza que são muitos os motivos que levam as pessoas da terceira idade a procurarem a EJA, que em outras circunstâncias não tiveram acesso à escola ou interromperam seus estudos, a exemplo, a tentativa de recuperar o tempo perdido ou mesmo a possibilidade de interagirem com outras pessoas, evitando a ociosidade. Há, também, uma preocupação com a memória, o que para alguns idosos acaba sendo mais um motivo para voltar a estudar, tendo como possibilidade a sua reativação. Muitos têm vontade, mas enfrentam problemas de saúde devido à idade.

A princípio, ao retornarem a escola “Trazem consigo uma visão tradicional, por isso, sentem medo, insegurança e constrangimento, pois, imaginam que não terão condições de acompanhar o aprendizado da turma”. (COURA, 2005, p. 8). Entretanto, com o passar dos dias de frequência às aulas “Se as expectativas iniciais giravam em torno de aprender e de ocupar um tempo ocioso, agora as metas são de conclusão de ensino médio e até mesmo de fazer uma faculdade”. (COURA, 2005, p. 5,7)

3 CARACTERIZAÇÃO

3.1 DAS ESCOLAS

O campo de pesquisa envolveu três escolas, pertencentes ao Observatório Alagoano de Leitura em EJA, sendo uma escola estadual e duas municipais, situadas em Maceió. A caracterização que se segue, teve como base a consulta dos Projetos Pedagógicos, referente a cada unidade escolar.

3.1.1 Escola Estadual Jaspe[6]

Localiza-se em Jatiúca. Esse bairro começou com um sítio[7] de coqueiros, pertencente à família do historiador e folclorista Théo Brandão, que o batizou de Jatiúca fazendo uma homenagem aos indígenas. O bairro foi crescendo e surgindo conjuntos habitacionais, inicialmente populares como Castelo Branco, Pratygy e Santa Cecília, encontrando-se com novas ruas chegando até o início do bairro denominado Stella Maris, uma das áreas mais valorizadas de Maceió.

A Escola possui dez salas de aulas, todas equipadas, amplas e bem iluminadas. Tem espaços destinados a sala de leitura; salas de professores com banheiro, sendo uma destinada aos professores de Educação Física; sala para coordenadores pedagógicos: secretaria; direção; almoxarifado; laboratório; equipada; três banheiros (masculino, feminino e deficiente físico); dois banheiros para os funcionários, uma quadra de esporte descoberta, área de lazer coberta; um refeitório.

A Instituição funciona em três turnos. No horário da manhã atende aos alunos que cursam o Ensino Fundamental (4º ano ao 5º ano). À tarde (6º ano ao 9º ano) e por fim à noite – Educação de Jovens e Adultos da 1ª a 6ª Etapas[8], permitindo que os alunos de EJA tenha a continuidade de estudos desde a alfabetização até a conclusão do Ensino Fundamental.

De acordo com o documento em pauta, há registro de muitas interrupções de estudo, sendo mais acentuada no turno da noite, por conta da necessidade de trabalho dos alunos, aos quais saem da escola motivados por

problemas financeiros e familiares. O analfabetismo não é apenas um problema educacional a ser superado, mas uma questão que necessita de uma política educacional articulada às demais políticas sociais.

3.1.2 Escola Municipal Eugenia

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Eugenia está localizada no bairro do Jacintinho, zona norte da cidade de Maceió. Até a década de 1940, o bairro não passava de um imenso sítio, cujo proprietário, Sr. Jacinto Ataíde, descendente de portugueses, possuía um casarão entre o bairro do Poço e a ladeira que dava acesso ao sítio.

Por ficar próximo ao centro, o Jacintinho é bastante movimentado, possuindo várias vias de acesso a outros bairros. É caracterizado por lojas, farmácias, supermercados, açougues, sapatarias, padarias, além do mercado livre, denominado de “feirinha”. Em torno dessas atividades cresce a informalidade a exemplo, os camelôs. No entanto, apesar dessa movimentação o bairro tem problemas estruturais graves, devido ao grande número de grotas e favelas, sem infra-estrutura e saneamento.

A escola é pequena e não possui espaço suficiente para maiores ampliações; é composta de salas: de aula, diretoria, secretaria, sala de professores, sala de coordenação pedagógica, sala de informática, cozinha; depósito para merenda, material didático, de limpeza e de esporte; banheiros (01 para professores, 01 para funcionários, 02 para meninos, 02 para meninas e 01 para acessibilidade), pátio coberto e área para refeitório.

Funciona em três turnos, atendendo o Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) no turno diurno e a Educação de Jovens e Adultos (1ª, 2ª e 3ª fases) no noturno. As turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) são compostas por adolescentes, em geral com histórico de insucesso no ensino dito regular e aos 15 anos de idade inseriu-se no mercado de trabalho. Na escola, existem muitos pais e mães dos alunos do horário diurno que estudam na EJA.

Conforme dados do PPP, as turmas de EJA apresentam um alto de interrupções de estudo, uma vez que para o alunado a prioridade é o trabalho, não importando em que local esteja o que gera mudanças de endereços; outros têm uma frequência flutuante devido a doenças ou mesmo o que a escola chamou de falta de interesse, sendo marcadamente taxados no final do ano de reprovados.

3.1.3 Escola Municipal Ametista

A Escola Municipal Ametista[9] está localizada no bairro da Ponta Verde. Esse bairro possui boutiques finas, pequenas galerias, supermercados, restaurantes, farmácias, postos de gasolina, padarias, livrarias, lojas de presentes finos e lojas de decoração, além de ser margeado pelo mar. No setor hoteleiro, tem hotéis de grande e médio porte e pousadas. É considerado o *point* dos maceioenses e turistas. Possui saneamento básico e abastecimento de água em mais de 90% em suas residências.

A população do bairro de Ponta Verde é constituída por classes sociais que varia da classe média à alta. Por ser uma comunidade de poder aquisitivo elevado, não dispõe de serviço popular mantido pelo poder público: posto de saúde e hospital. A Escola Ametista tem sua edificação de porte médio, instalações hidrosanitárias, elétricas, telefônicas e TV que atendem as necessidades básicas.

O prédio escolar é composto de nove salas de aula, uma quadra de esporte, um pátio coberto, uma área livre com 840,38m², uma sala de direção, uma sala de professor, uma sala de coordenador pedagógico, uma secretaria, uma cozinha, uma sala para depósito de alimentos, uma dispensa, uma sala para almoxarifado, banheiros (dois para funcionários e dois para alunos) um laboratório de informática, uma sala de vídeo e uma biblioteca que funciona também como sala de leitura.

As modalidades de ensino são: a educação fundamental (1º ao 9º ano) e a Educação de Jovens e Adultos. Nessa modalidade de ensino há constante entradas e saídas de alunos durante todo o ano. Isso acontece por conta de 90% dos alunos trabalharem na comunidade em que a escola se situa morarem na casa de seus patrões ou terem empregos que não oferecem estabilidade.

3.2 SUJEITOS

3.2.1 Perfil dos alunos da escola Jaspe

Ao analisar as fichas de matrículas dessa escola ficou constatado que há o predomínio de sujeitos adultos na faixa etária entre 21 a 49 anos, do sexo feminino, e, de acordo com o grupo focal, a maioria das alunas exerce a função de empregadas domésticas. O restante do alunado tem ocupações de: vendedor, zelador, pedreiro, diarista, ambulante, entre outros. São pessoas oriundas, em sua maioria, do interior do Estado[10] que migraram para a capital de cidades da grande Maceió e das regiões Norte, Agreste e Sertão de Alagoas.

Encontrou-se também, alunas residentes no bairro onde a escola situa-se e naqueles circunvizinhos denominados de Jatiúca e Mangabeira. Estas alunas que são domésticas ao apresentarem-se no grupo focal mencionaram as casas dos patrões como as suas próprias residências. Registrou-se ainda, estudantes moradores de bairros bem distantes da instituição escolar e de alguns distritos situados na parte norte do Estado denominados de Riacho Doce e Ipioca. É que a escola Jaspe é considerada polo e aglutina alunos dos mais diversos locais, sendo de responsabilidade da Secretaria Executiva de Educação do Estado de Alagoas (SEEE/AL) o deslocamento dessas pessoas, via transporte escolar.

3.2.1 Perfil dos alunos da escola Eugenia

Nesta escola, a faixa etária predominante situa-se entre 30 a 50 anos, caracterizando-se como adulta. A maioria é do sexo feminino e ocupa funções variadas como: doméstica, babá, diarista, manicure e outras apenas do lar. Em relação aos homens, dois são aposentados e os demais exercem também funções variadas como de: gesseiro, artesão, vigilante, serviços gerais e alguns são autônomos. São oriundos, também, do interior do Estado[11], apenas um aluno é natural de Pernambuco.

Observou-se, ainda, que todos os alunos residem no mesmo bairro em que a escola está situada, com exceção de um, que reside em outro bairro vizinho denominado "Poço".

3.2.1 Perfil dos alunos da escola Ametista

Os alunos investigados situaram-se entre 16 a 64 anos de idade, com predominância para a fase adulta, entre 30 a 50 anos. A maioria é do sexo feminino e exerce a função de empregadas domésticas dos edifícios luxuosos do bairro. Os outros sujeitos ocupam-se em funções variadas como: garçonzete, babá, auxiliar de serviços gerais, vendedor, carpinteiro e ainda, autônomos e do lar.

Todos são migrantes do interior do Estado de Alagoas[12], oriundos de: São Miguel dos Campos, Tanque D'arca, Poço das Trincheiras, Penedo, São Luiz do Quitunde, Capela, Flexeiras, Olho d'água das Flores, Pilar, Muirici, Viçosa, Passos de Camaragibe, Senador Rui Palmeira, Taquarana, Santana do Mandaú . Apenas um é natural de Buique – PE.

A maioria das alunas declarou, como as da Escola Jaspe, residirem no endereço dos seus patrões. Algumas alunas acrescentaram que a motivação para o retorno à escola foi provocada pelo ambiente letrado das residências onde trabalham.

4 O QUE DIZEM AS VOZES DOS ALUNOS

4.1 SOBRE AS HISTÓRIAS DE ESCOLARIZAÇÃO

Em relação à história de escolarização dos sujeitos[13], muitos evidenciaram, no grupo focal, a exemplo da fala[14] que se segue, o motivo pelo qual não frequentaram a escola:

Não tive tantas oportunidades de estudar, porque pelo um tempo eu vivi e morei na fazenda com a minha família e **lá não tinha escola**. Minha mãe, sempre assim, ensinava a gente em casa mesmo, algumas coisas. [...] Então por isso mesmo depois de eu já grande eu vim na escola, tá com dois anos que estudo aqui. (JOANA, 22 ANOS – ESCOLA JASPE)

Assim como Joana, tantos outros que fizeram parte desse cenário rural ficaram à margem do processo de escolarização, uma vez que, tanto a ausência como a distância das escolas os impediram de estudar e quando retornam à escola “são considerados como ‘tábula-rasa’, e tratados de forma infantilizada e bestializada, recebendo toda a sorte de discriminação e preconceitos, atribuídos pela própria escola [...]” (grifos da autora) (MOURA, 2007, p. 3).

No caso de Joana que ainda não tinha o domínio da leitura e da escrita, que é empregada doméstica, sua procura pela escola deu-se por conta do seu desejo de aprender, considerando o acesso, que tem a revistas, livros dentre outros portadores de gênero textual, no seu ambiente de trabalho, considerado letrado e, também por incentivo de seus patrões. Afirmou, ainda, a interlocutora de forma clara para os seus colegas, no grupo focal: “minha meta pra 2013, o meu objetivo é terminar o ano aprendendo ler”.

O trabalho tem um papel fundamental na vida dessas pessoas, sendo por meio dele que “[...] poderão retornar à escola ou nela permanecer, como também valorizar as questões culturais, que podem ser potencializadas na abertura de espaços de diálogo, troca, aproximação, resultando interessantes aproximações entre jovens e adultos”. (ANDRADE, 2004, p. 3).

As péssimas condições de vida levam esses sujeitos a lutar pela sobrevivência em detrimento dos estudos. Muitas vezes, por determinação do pai, tiveram que abandonar os estudos em função do trabalho. É dessa forma que outro participante do grupo focal menciona:

Eu sou do município de Porto Calvo, eu nasci dentro duma grota e meu pai me criou lá só pra trabalhar, **não tive direito a nada, só pra trabalhar** [...] eu resolvi me matricular aqui no colégio pra estudar, eu tô com três anos que estudo aqui, aí continuo nessa vida num é com interesse disso, daquilo, daquilo outro, mas pelo menos pra escreve o meu nome, saber alguma coisa, já com a idade, tá muito avançada, que eu tenho 83 anos. (JOÃO, 83ANOS – ESCOLA JASPE)

Diante do relato do seu João, percebe-se o quanto o trabalho árduo do campo o impossibilitou de estudar, e a expressão que ele utiliza ao dizer: “não tive direito a nada, só pra trabalhar” evidencia o quanto marcou sua vida, a ausência dos estudos e também o fato de não ter escola nas proximidades, contribuiu para que essa realidade permanecesse. No entanto, não é isso que quis para os seus filhos que estão “formados”, no sentido de dizer que chegaram ao ensino médio.

Diante deste contexto, fica claro, que as circunstâncias não lhes foram favoráveis em tempos atrás, só sendo possível nesta fase da vida. De acordo com Coura (2005), vários fatores contribuem para o retorno, de pessoas como seu João e nesse sentido as questões:

[...] econômicas, essas pessoas já não pagam passagens para frequentar uma escola. [...] política e à oferta de vagas, têm seu direito à educação garantido por leis federais. A Terceira Idade vem lhes permitindo buscar a escolarização, uma vez que a maioria desses sujeitos já se encontra aposentada e suas famílias já “estão criadas”. (COURA, 2005, p. 2)

Como a maioria dos sujeitos é oriunda da zona rural, muitos depoimentos se assemelham ao do seu João, trazendo essa imagem negativa do campo. Tanto é que a maioria dos sujeitos, afirmaram que vieram a Maceió em busca de melhores condições de vida. No grupo focal, muitos falaram que foram obrigados a trabalharem na roça, pois além de não terem o incentivo da família, também não davam a devida importância ao estudo, por não ser exigido, pelo menos o domínio da leitura e da escrita. O mais conveniente era o trabalho braçal. Registrou-se na sequência a fala de Lúcia, que assim se expressou:

[...] eu com 11 anos eu fui pras cozinhas dos outro, eu num sei o que é estudar, por que minha mãe me boto mai **eu num me interessei** né, aí fui trabalhar nas cozinha do povo. Depois... fui trabalhar e procurei logo uma casa, um dono de casa me boto-me numa casa, aí tive duas filhas, pronto! (e até hoje dirige fogão - risos) e tô estudando agora. (LÚCIA, 46 ANOS – ESCOLA EUGÊNIA)

Outros se consideram “incapazes”, como foi o caso de seu José (45 anos – Escola Ametista) que falou “fiz muito esforço só que eu num aprendi nada, pro colégio eu fui, estudar eu fui, mas só que daqui da cabeça num saía nada!”. Nessa direção, Freire (2007, 59-60), destaca que esses sujeitos sócio-históricos, a exemplo do seu José:

[...] são seres concretos. [...] fazem coisas. Mas [...] às vezes não sabem, na cultura do silêncio, em que se tornam ambíguos e duais, é que sua ação transformadora, como tal, os caracteriza como seres criadores e recriadores. Submetidos aos mitos da cultura dominante, entre eles o de sua “natural inferioridade”, não percebem, quase sempre, a significação real de sua ação transformadora sobre o mundo. Dificultados em reconhecer a razão de ser dos fatos que os envolvem, é natural que muitos, entre eles, não estabeleçam a relação entre não “ter voz”, não “dizer a palavra”, e o sistema de exploração em que vivem. (FREIRE, 2007, p. 59-60).

E por fim, destaca-se a voz de Maria (39 anos – Escola Ametista), que afirmou ser considerada “velha” para voltar aos bancos escolares ou mesmo iniciar os estudos. E complementa: “eu agradeço muito a Deus primeiramente e ela (a professora) que aceita nós, pela idade da gente que a gente já tamos”. Esses sujeitos trazem nas suas falas, uma forma de pensar que foram reproduzindo ao longo dos anos, sem direito a questionamentos e, como diz Freire (1987, p. 36), numa concepção que os tornaram “homens espectadores e não recriadores do mundo” e com “uma consciência continente a receber permanentemente os depósitos que o mundo lhe faz”. Fica demonstrado ainda que atrelou-se ao cansaço físico, o sentimento de inferioridade, o preconceito de si mesmo em relação à idade.

4.2 SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Observa-se a importância e o valor que os sujeitos atribuem à EJA, sobretudo por estar inserida num contexto escolar, ou seja, por ser institucionalizada e atender no turno noturno. Nesse sentido, verifica-se nos depoimentos o seguinte:

Pra mim é muito gratificante estar aqui na escola à noite, por que assim, até por que, quando eu não vinha pra escola, eu sempre ficava em casa no meu trabalho, e assim, sempre durmo, ia dormir tarde e continuava trabalhando né, da hora que eu acordava até dez, onze horas da noite, o tempo que eu estaria na escola. (JOANA, 22 ANOS – ESCOLA JASPE)

Bom! Muito bom, eu tô gostando de estudá, por que eu não tive oportunidade de estudá [...] trabalhava no campo... cuidava de animá... viajava muito, chegava dez horas, onze horas da noite e assim eu levei minha vida e quando eu me casei, com 29 anos eu me casei, aí apareceu logo família e eu fui trabalhá pra criá os meu filhos... [...] tô muito satisfeito, graças a Deus. (JOÃO, 83 ANOS – ESCOLA JASPE)

Diante desses relatos observa-se que para esses sujeitos, a EJA é uma oportunidade muito significativa, principalmente por ser ofertada em escola pública, o que permite o acesso a todos, embora não a concebam que é um direito constitucional e ficam ficando sempre fazendo agradecimentos a Deus, a professora e a escola. Diante disso, compreende-se que “A grande generosidade está em lutar para que, cada vez mais, estas mãos, sejam de homens ou de povos, se estendam menos em gestos de súplicas” (FREIRE, 1987, p. 17). A forma de pensar desses sujeitos reflete o conceito de “destinatários agradecidos”, como expressa Arroyo (2012):

Agradeça Dona Maria, por ter um filho na escola; Agradeça, índio, porque agora tem uma escola indígena; Agradeça, jovem e criança do campo, porque agora tem educação; e, se não tem escola no campo, tem, ao menos, um ônibus caindo aos pedaços que leva você até a escola nucleada”. (ARROYO, 2012, p. 32).

No geral, esses relatos comprovam que a decisão que tomaram vem acompanhada da necessidade de aprender e, mostram que tem um objetivo a ser alcançado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se que os sujeitos das escolas investigadas são pessoas, na sua maioria adulta, ficando subsumidas às categorias do jovem e do idoso; migraram do interior do Estado de Alagoas, que não dispunham à época de políticas públicas sociais, a exemplo a de geração de emprego e renda, que fixassem esses sujeitos à sua terra natal. Dessa forma, migraram na ilusão de melhores condições de trabalho, para garantir a sobrevivência da família e, considerando as exigências do mercado de trabalho buscaram a EJA para retornarem à instituição escolar, objetivando complementarem a escolaridade ou mesmo iniciarem os estudos.

O estudo mostrou, também, que a mulher teve presença marcante nas turmas do I Segmento de EJA, buscando a autonomia depois de passarem pelo machismo, sobretudo, do pai e, muitas vezes do marido. Destacou-se no contexto a ocupação de domésticas, seguindo-se de ocupações várias no mercado informal: servente de pedreiro, vendedor, zelador, pedreiro, diarista, ambulante, gesseiro, artesão, vigilante, serviços gerais, garçonzete, babá, auxiliar de serviços gerais, vendedor, carpinteiro e ainda, autônomos e do lar.

Os sujeitos participantes dos grupos focais registraram nas suas falas um caminho de escolaridade anterior a EJA de muitas dificuldades, tanto pelas opções que tiveram de fazer pelo trabalho, em detrimento do estudo, como pela ausência ou distância das escolas de suas residências. No entanto, a EJA apresenta-se como a única possibilidade de continuarem estudando, tanto pelo seu funcionamento no horário noturno, embora enfrentem uma luta contra o cansaço, como por funcionar em escolas públicas que permitem o acesso de todos.

Dado o exposto, espera-se que este Trabalho de Conclusão de Curso fomente novas pesquisas sobre a necessidade de compreender e refletir sobre os sujeitos da EJA, com vista a sugestões de redirecionamento da política educacional que vem sendo adotada em Maceió.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Eliane Ribeiro. **Os sujeitos educandos na EJA**. In: TV Escola, Salto para o Futuro. Boletim, 20 a 29 set. 2004.

ARROYO, M. Os movimentos sociais reeducam a educação. In: ALVARENGA, M. S. de. et. al. (Org.). **Educação popular, movimentos sociais e formação de professores**: outras questões, outros diálogos. Rio de Janeiro: EdUER, 2012.

CARRANO, P. Educação de jovens e adultos (EJA) e juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da "segunda chance". In: **Formação de educadores de jovens e adultos**. MACHADO, M. (Org.). Brasília: SECAD/MEC, UNESCO, 2008.

COURA, I. G. M. **Entre medos e sonhos nunca é tarde para estudar**: a terceira idade na Educação de Jovens e Adultos. Prefeitura Municipal de Contagem GT-18: Educação de Pessoas Jovens e Adultas. (s/d), 2005.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 12 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, M. L. de Q. e MOURA, T. M. de M. Educação de Jovens e Adultos: uma releitura das políticas e ações. In: FREITAS, M. L. de Q.; COSTA, A. M. B. (Orgs.). **Proposta de alfabetizadores em EJA**: referenciais teórico-metodológicos. Maceió: MEC e UFAL, 2007.

FURINI, D. R. M.; DURAND, O. C. da S.; SANTOS, P. dos. Sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, espaços e múltiplos saberes. In: LAGE, M. H. & LAFFIN, F. (orgs.). **Educação de jovens e adultos e educação na diversidade**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro, 2012.

HADDAD, S. Tendências atuais na Educação de Jovens e Adultos. In: **Em Aberto**. Brasília, ano II, n. 56, out./dez., 1992, p. 3-12.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa colaborativa**: investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Liber Livros, 2008.

LEÃO, G. M. P. Políticas de juventude e Educação de Jovens e Adultos: tecendo diálogos a partir dos sujeitos. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, M. A.; GOMES, N. L. (Orgs.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas.

São Paulo: EPU, 2012.

MOURA, T. M. de M. **Os alunos jovens e adultos que buscam a Educação de Jovens e Adultos**: quem são e o que buscam na escola. 2007.

_____. **A prática pedagógica dos alfabetizadores de jovens e adultos**: contribuições de Freire, Ferreiro e Vygostsky. Maceió: INEP; EDUFAL, 1999.

OLIVEIRA, M. K. de. Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. In: RIBEIRO, V. M. (Org.). **Educação de Jovens e Adultos: novos leitores, novas leituras**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

PAULILO, A. M. S. A pesquisa qualitativa e a história oral. In: **Serviço Social em Revista**. Londrina, v.2, n. 1, 1999.

PERES, M. A. de C. **Velhice e analfabetismo, uma relação paradoxal**: a exclusão educacional em contextos rurais da região Nordeste. Revista Sociedade e Estado, v. 26, n. 3, set./dez. 2011.

PINTO, A. V. O estudo particular do problema da educação de adultos. In: PINTO, A. V. **Sete lições sobre educação de adultos**. 5. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1987.

Projeto Político Pedagógico, 2012. Escola Estadual Jaspe.

Projeto Político Pedagógico, 2007. Escola Municipal Eugenia.

Projeto Político Pedagógico, 2009. Escola Municipal Ametista.

[1] Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) divulgada em 2012, a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade foi estimada em 8,7%, o que correspondeu ao contingente de 13,2 milhões de analfabetos. Em 2011, essa taxa foi de 8,6% e o contingente foi de 12,9 milhões de pessoas. A região Nordeste registrou taxa de analfabetismo de 17,4% entre as pessoas de 15 anos ou mais de idade em 2012, 0,5 ponto percentual acima da taxa de 2011 (16,9%). O Nordeste concentra mais da metade (54%) do total de analfabetos de 15 anos ou mais de idade no Brasil, um contingente que somava 7,1 milhões de pessoas.

[2] Essa investigação tem seu percurso metodológico de base qualitativa, utilizando a abordagem de pesquisa colaborativa (IBIAPINA, 2008), envolvendo professoras da universidade e da Educação Básica em EJA. Objetiva compreender as práticas de leitura e formação de leitores no processo de alfabetização de Jovens e Adultos em quatro escolas públicas, situadas em Maceió, sendo duas municipais e duas estaduais.

[3] 2012-2013 - A Educação de Jovens e Adultos em Maceió: um estudo sobre os sujeitos-alunos; 2013-2014 - O papel da biblioteca escolar na Educação de Jovens e Adultos: um estudo nas escolas públicas no contexto do Observatório Alagoano de Leitura.

[4] As falas no referido grupo foram gravação em vídeo e posteriormente transcritas.

[5] Pesquisa de mestrado, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. A pesquisa procurou compreender os motivos que levam pessoas da Terceira Idade voltar a estudar. Entre medos e sonhos nunca é tarde para estudar: a terceira idade na educação de jovens e adultos – prefeitura municipal de contagem, GT-18: educação de pessoas jovens e adultas.

[6] As escolas mencionadas receberam nomes fictícios.

[7] Situado na Avenida Álvaro Otacílio, que começava na curva do atual Alagoinha e ia até onde hoje tem uma barraca denominada Posto Sete, próximo a Lagoa da Anta, onde se encontra o Hotel Alteza Jatiúca.

[8] As escolas estaduais compõem a EJA em etapas, que vão da alfabetização até a conclusão do II Segmento do Ensino Fundamental, enquanto as escolas pertencentes ao município de Maceió, optaram por denominarem essas etapas, em fases.

[9] A Escola foi construída na administração do então Prefeito Divaldo Suruagy para atender uma reivindicação da comunidade de pescadores que residiam em favelas próximas às praias do bairro de Ponta da Terra, pois até aquele momento não havia exploração imobiliária.

[10] **Leste Alagoano**: Atalaia, Viçosa, Pilar, Murici, Flexeiras, São Miguel dos Campos, São Luiz do Quitunde, Passos do Camaragibe e Rio Largo;

Sertão Alagoano: Batalha, Colônia Leopoldina e Major Isidoro;

Agreste Alagoano: Cacimbinhas.

[11] **Leste Alagoano:** Junqueiro, Santana do Mundaú, Flexeiras, Cajueiro, Messias, Satuba, Barra de Santo Antonio, São José da Laje e Joaquim Gomes.

[12] **Leste Alagoano:** São Miguel dos Campos, Pilar, Viçosa, Santana do Mandaú, Murici, Passos de Camaragibe, Penedo, São Luís do Quitunde, capela e Flecheiras;

Sertão alagoano: Poço das Trincheiras, Olho d'Água das Flores e Senador Rui Palmeira;

Agreste alagoano: Tanque D'arca e Taquarana.

[13] Os nomes dos sujeitos são fictícios para preservação do anonimato.

[14] As falas foram transcritas, considerando a oralidade dos sujeitos participantes.

[i] Graduanda do Curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas. E-mail: lucianags2010@hotmail.com

[ii] Professora Adjunta do Curso de Pedagogia e da Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: naide12hotmail.com

Recebido em: 18/07/2014

Aprovado em: 19/07/2014

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: